

## A EDUCAÇÃO NO IMPÉRIO DOS PREFERIDOS DO SOL<sup>1</sup>

José Joaquim Pereira Melo \*

A notável civilização desenvolvida pelos astecas<sup>2</sup> durante os séculos XIV e XV, graças ao seu caráter guerreiro, permitiu a formação de um imenso império, que cobriu toda a zona meridional do atual território mexicano.

Os espanhóis descobriram esse território em 1519, deslumbrados, entraram em sua capital. Até então, não haviam visto nada semelhante em território americano: grandes cidades, mercados, palácios suntuosos, templos, uma complexa organização política e social; enfim, riquezas inimagináveis, o que levou Bernal Díaz del Castillo<sup>3</sup> considerar a visão de Tenochtitlán como algo irreal, uma fantasia, próprio das novelas de cavalaria. (Díaz del Castillo, 1947).

Herdeiros dos povos que os antecederam no planalto de Anahuac, os astecas representam uma síntese da produção cultural desenvolvida ao longo de nove mil anos naquele território. Na efetivação desse quadro, a educação teve papel fundamental, visto a preocupação das autoridades, e da população em geral, com a formação do homem asteca. Assim sendo, a educação cumpriu a sua parte na manutenção dessa sociedade organizada, de forma a ser previsível, que não se considerava a possibilidade de transgressão, pois o mundo, pelo menos a princípio, era entendido como super-determinado. Nessa conjuntura, coube à educação instrumentalizar o homem asteca a responder a essa situação, organizando de maneira detalhada a sua vida social. Nesse detalhamento pode-se perceber três instâncias no processo educacional, conforme serão apresentadas a seguir.

---

\* Doutor em História e professor do Departamento de Fundamentos da Educação da UEM.

<sup>1</sup> Segundo uma antiga lenda, os astecas eram o povo do sol – Huitzilopochtli – razão de dever-lhe o sacrifício de sangue. A participação nas guerras possibilitava cumprir essa obrigação, oferecer o próprio sangue, quando tombado em combate, ou o dos prisioneiros capturados, oferecido em sacrifício.

<sup>2</sup> O correto seria usar *méxica*. Optou-se pelo uso comum – *asteca* – popularizado a partir do século XVIII, pelo historiador Francisco Xavier Clavijero.

<sup>3</sup> Natural de Medina do Campo (1495), veio ainda jovem para a América. Participou de expedições anteriores à que culminou com a Conquista do México (1519). Com idade já avançada, escreveu a sua *História Verdadeira sobre a Conquista da Nova Espanha*, um dos relatos mais importantes sobre a conquista mexicana, escrito por um dos expedicionários. Radicou-se na Guatemala, onde morreu em data incerta, possivelmente em 1580.

## 1. A educação familiar

Uma das características da civilização asteca foi a importância dada à educação, o que se compôs em uma das peças da defesa montada pelo frei Bartolomé de Las Casas<sup>4</sup>, contra a exploração do nativo americano, junto à corte de Espanha.

*Otro argumento asaz claro de la prudencia gubernativa y policia ordenada y senalado uso de razon destas naciones, y loables costumbres, quiero aqui traer, (...) la summa diligencia y no poco fatigable cuidado que tuvieron en la disciplina y honesta y racionalissima crianza de sus hijos. (Las Casas, 1958: 286)*

A partir de Montezuma I<sup>5</sup>, os soberanos de Tenochtitlán decretaram o ensino obrigatório, criando escolas em cada *calpulli*<sup>6</sup>. Apesar de funcionarem em regime de internato, isso não impedia que os alunos fossem dormir em suas casas.

A importância atribuída à educação levou os astecas a acreditarem que eram convocados a ensinar os seus semelhantes (Lucena, 1992). Nesse clima educacional, coube ao ancião uma participação ativa na aprendizagem de crianças e jovens, ao socializar os saberes acumulados ao longo dos anos. Essa ação pedagógica foi promovida e amparada pelas quatorze leis de Montezuma I, que consagrou na sociedade asteca a supremacia do antigo sobre o novo e dos velhos sobre os jovens. Através dessa lei, o imperador conclamava os idosos a castigar, corrigir e velar para que os jovens cumprissem suas obrigações, bem como os exercícios habituais, evitando dessa forma, que ficassem na ociosidade (Todorov, 1992).

Entretanto, era o imperador o maior responsável pelo processo educacional, tanto que começava sempre seu reinado dando uma série de conselhos morais como

---

<sup>4</sup> Cognominado de “Apóstolo dos Índios”, nasceu em Sevilha, em 1474. Chegou à América em 1502, foi padre na ilha Hispaniola e bispo em Chiapas. Converteu-se em célebre defensor dos nativos americanos. Retornou à Espanha em 1574, aos setenta e três anos, onde atuou como defensor dos nativos, durante as duas últimas décadas de sua vida, nesse período também escreveu suas obras históricas mais importantes sobre as Américas. Faleceu em Madri, em 1566, aos noventa e dois anos.

<sup>5</sup> Imperador eleito em 1440, fez grandes reformas sociais, políticas, administrativas e religiosas. Seus exércitos ampliaram para o sudoeste as fronteiras do Império. Foi sucedido por seu neto Axayacátl, em 1469.

<sup>6</sup> Unidade territorial em que estava dividido o Império asteca. Contava com terras comunais, chefes, escolas e funcionários próprios.

programa de governo. Mas os primeiros educadores eram sempre os pais. Aos meninos ensinava-se o cultivo da terra, a caça, a pesca e a bravura; às meninas, os serviços domésticos, o recatamento e a castidade. Para ambos, a lealdade, a obediência, o respeito às tradições (Rojas, 1992). Apesar do carinho e do desvelo com que os pais se dedicavam à educação dos filhos, a disciplina era severa, razão de abundarem os castigos físicos. Antes dos oito anos, a disciplina era obtida pelo método da repressão, mas, a partir de então, os pais recorriam aos castigos corporais, que se tornavam cada vez mais severos, conforme a idade. Dessa forma, apresentavam uma gradação: beliscão; açoite com vara; picadas com espinhos de maguey<sup>6</sup>; irritação das mucosas, dos olhos e nariz pela inspiração forçada de gases produzidos por fumaça; exposição a baixas temperaturas, sem roupas, durante todo o dia. Esse rigor disciplinar, com requintes de crueldade, parece indicar o desejo da sociedade asteca de obter uma rápida socialização dos seus jovens, e assim antecipar o ingresso desses novos membros aos seus quadros produtivos (Beltrán, 1992). Mas os castigos físicos não substituíam os conselhos dos pais, objetivando tornar os filhos homens exemplares. Nesse sentido, merece destaque a preocupação com a laboriosidade, pois para os astecas a ociosidade era a causa de todos os vícios.

Segundo um antigo preceito, os pais, a partir do seu exemplo, deviam exortar seus filhos a levarem uma vida digna e a buscarem o seu sustento por meio do trabalho honesto.

*Mira, hijo, no seas ladrón, ni jugador, porque caerás en gran deshonra (...). Trabaja de tus manos y come de lo que trabajares, y vivirás muy a tu placer. Con mucho trabajo, hijo, hemos de vivir; con sudores y trabajos te he criado, y así he buscado lo que habías de comer y por ti he servido a otros.*  
(Las Casas, 1958: 302)

Os pais também cuidavam do bem falar de seus filhos. Zelavam para que esses soubessem se expressar de maneira correta e elegante, que nas conversações fossem respeitosos, prudentes e coerentes em suas exposições.

---

<sup>7</sup> Planta do gênero agave, de que os astecas extraíam o pulgue (bebida) e fibras. Designativo da pita.

*Sé, hijo, bien criado y no te entremetas cuando no fueres llamado, porque no des pena y no seas tenido por mal mirado. (...) ni hables demasiado, ni cortes a otros la plática, porque no los turbes, y si no hablas directamente para corregir los mayores, mira bien lo que tú hablas. Si no fuere de tu oficio o po tuvieres cargo de hablar, calla, y si lo tuvieres, habla, pero cuerdamente y no como bobo o como quien tiene presunción, y será estimado lo que dijeres. (Las Casas, 1958: 301)*

Outra preocupação da educação familiar era com a verdade. Caso os pais identificassem nos filhos o hábito de mentir, castigavam-nos com severidade, picando seus lábios com espinhos de *maguey*. Uma antiga lenda transmitida a Francisco Lopez de Gómara<sup>8</sup> diz que o castigo dos lábios foi instituído por *Quatzacóatl*<sup>9</sup>, visando eliminar a tendência que seus súditos tinham de mentir.

Segundo o religioso, o hábito de mentir trouxe sérios problemas aos nativos quando da Conquista, pois os espanhóis, ávidos por ouro, questionavam onde encontrar a riqueza tão almejada, e esses por medo apontavam locais de forma aleatória. Ao não encontrar o que desejavam, os conquistadores espancavam e torturavam os informantes (Gómara, 1946). Las Casas justificou esse comportamento nativo, na ação espanhola em terras americanas, respaldado no registro que fez de um diálogo que teve com um velho religioso.

*(...) por ser los españoles gente soberbia y de mucha fantasía, y que los indios les tienen gran miedo y no les osan responder sino lo que a ellos es más apacible, y decir sí a cuanto les mandaban, ora sea posible, ahora no, y que no se confían ni se entienden bien con los españoles, y andan con ellos como amedrentados y sobresaltados; y así, que en preguntando el español al indio alguna cosa, luego*

---

<sup>8</sup> Natural de Gómora, província de Sovia (1511). Recebeu sólida formação humanista em Roma, onde se ordenou. Conheceu Fernando Cortés, o conquistador do México, em 1541, tornando-se seu amigo e capelão. Escreveu alguns trabalhos, entre os quais *A Conquista do México*. Nunca esteve na América, seu trabalho foi resultado de conversas, testemunhos e informações. Faleceu na cidade que lhe deu o nome, em 1562.

<sup>9</sup> Antiga divindade tolteca assimilada pelos astecas. Identificado com um herói cultural que havia civilizado o povo méxica, e que havia desaparecido no oriente, de onde se esperava o seu regresso. Era o deus do vento, da civilização e do saber. Também chamado “A serpente emplumada”. Era o protetor do calmecar – escola do tempo.

*el indio se recata para responder recatadamente.*  
(Las Casas, 1958:290).

Indistinto das origens, o tratamento dado aos que usavam o expediente da mentira inibiu essa prática entre os astecas, o que oportunizou, entre os defensores das civilizações americanas, a crença de que os nativos desconheciam a mentira. Exemplo pode ser tirado de Las Casas, que exaltou a falta de “duplicidade” nos nativos e, em contrapartida, criticou o comportamento de desrespeito à palavra e à verdade adotado pelos espanhóis em terras americanas, de forma que se associou no imaginário nativo a figura do mentiroso com o cristianismo. Em inúmeras ocasiões, quando questionados se eram cristãos, a resposta era imediata:

*Si, señor, ya soi un poco cristiano, pues sei mentir un pouco, un día sabere mucho y sere mucho cristiano.* (Las Casa, 1951:145).

Quanto aos filhos dos nobres, não eram educados diretamente por seus pais, pois, enquanto setor dominante, esses grandes senhores estavam demasiadamente ocupados para dar essa assistência a seus filhos. Em razão disso, os meninos eram educados por preceptores (Lucena, 1992), que lhes possibilitavam uma educação básica, até que fossem encaminhados para as escola templo.

Importa considerar que as características especiais da educação feminina asteca requisita um privilegiamento, visto ter se realizado numa sociedade que valorizava o homem, na sua condição de guerreiro e de sacerdote e circunscrevia a mulher a a esfera do lar.

## **2. A educação formalizada**

A partir dos quinze anos, os jovens iniciavam uma série de atividades especiais que invariavelmente desembocavam no casamento. Mas antes desse momento da inserção plena na comunidade, os jovens passavam a viver nas chamadas “casas dos solteiros”, instituições onde recebiam uma educação formal. Com objetivos específicos, essas escolas

– *telpochcalli* e *calmecac* – estavam sob o patronato de *Tezcatlipoca*<sup>10</sup> e *Quetzalcóatl*, e, com a proteção dessas respectivas divindades, os alunos organizavam suas vidas para cumprir sua missão em sociedade.

## 2.1. A educação no *telpochcalli*

A educação recebida no *telpochcalli* era essencialmente prática e rústica, e o conteúdo ministrado ilustra a finalidade que perseguia esse estabelecimento: iniciar os jovens na arte bélica e nas práticas mágico-religiosas, o que não excluía o ensino de outros valores que davam solidez ao grupo. Para atender às exigências da guerra, rigorosos e violentos exercícios físico-militares capacitavam o corpo do candidato a adulto e a provável futuro guerreiro. Jejuns, interrupções bruscas do sono, banho a altas horas da madrugada, bem como uma série de auto-flagelos também compunham a educação ministrada no *telpochcalli*. A atividade curricular era complementada com os trabalhos manuais, como limpeza da escola, reparo de valetas e canais e o cultivo das terras coletivas (Beltrán, 1992). A rigidez do *telpochcalli* levou o Frei Bernardino de Sahagún<sup>11</sup> a qualificar essas escolas de casas de penitência e choro.

*(...) donde se se crían y salen hombres valientes, porque en este lugar se merecen los tesoros de dios, orando y haciendo penitencia y pidiendo los tesoros de misericordia y merced de darles victorias, para que sean principales, teniendo habilidad para gobernar y regir. (Sahagún, 1938 p. 289)*

Os rigores da disciplina e a violência das práticas para a guerra não dispensavam no *telpochcalli* a preocupação com o falar corretamente, com as boas maneiras, com o canto e a dança. O corpo docente era composto pelos principais anciãos do

---

<sup>10</sup> Deus asteca capaz de encarnar outros deuses, conforme a cor que assumia. Tinha outras designações: Telpachtli (jovem) e Yáoti (guerreiro). Também chamado “O espelho fumegante”. Era o protetor do *telpochcalli*.

*calpulli*, que, pelos serviços prestados à comunidade, por conhecimentos e habilidades haviam conquistado o respeito e a notoriedade junto aos seus. Em suas práticas pedagógicas estavam divididos por centro de interesses: *talmacazque*, que detinha grande sabedoria mágica; *achcautli*, encarregado das atividades bélicas; *telpochcalli*, conhecedor das normas que regulavam os bons, os costumes e os métodos apropriados para se obter a disciplina (Beltrán, 1992). Mas no conjunto velavam para que seus discípulos assimilassem as virtudes cívicas e militares. Enfim, preparavam os jovens para igualar ou superar os seus feitos. Diariamente os alunos recebiam, na *cuicacalla*<sup>12</sup>, instruções sobre as tarefas a serem realizadas. (Rojas, 1992).

Ao por do sol, dava-se por concluído o labor diário, momento em que iniciavam os cantos e as danças, que perduravam até a meia-noite, horário do descanso. Dormiam em *petates*<sup>13</sup>, em salas abertas com pouca roupa, mesmo que estivesse frio, o que tinha por objetivo adaptá-los às dificuldades da guerra.

Os jovens deixavam o *telpochcalli*, por solicitação dos pais, para casar. Era o momento da opção: tornar-se guerreiro ou civil comum. De qualquer forma, era um ato que os convertiam em membros plenos da comunidade.

A importância do guerreiro para a sociedade asteca pode ser apreendida pelo papel que se atribuía à guerra, possibilitadora das bases para a produção da vida no Império. Estrategicamente os astecas substituíam os setores dominantes locais pelos de origem mexicana, assim como mantinham intactas as estruturas sócio-econômicas. Em contra-partida, destruíam as suas forças militares. Com esse expediente, as comunidades submetidas permaneciam como células econômicas do Império, o que fornecia grandes contingentes humanos, sem separá-los da produção (Peregalli, 1942), o que garantia a estabilidade produtiva do Império, mesmo com a expansão das suas fronteiras.

---

<sup>11</sup> Religioso nascido em Sahagún, na província de Leon, entre 1499 a 1500. tinha aproximadamente trinta anos quando veio para a América. Foi professor de Latim e gramática no Imperial Colégio de Santa Cruz de Tlatelolo. Escreveu um importante trabalho sobre a História do México.

<sup>12</sup> Sala, dependência da escola.

<sup>13</sup> Esteira de fibra que se usava para dormir.

## 2.2. A educação no Calmecac

A educação oferecida no *calmecac* era seletiva, complexa e distinta da ministrada ao povo.

Importa considerar que a designação *calmecac*<sup>14</sup>, não favorece o entendimento do papel exato dessa escola na estrutura social da sociedade asteca, nem permite supor se era uma instituição específica para os setores dominantes. O certo é que era freqüentado pela nobreza. O que se pode inferir é que essa instituição foi uma necessidade posta pelo notável desenvolvimento dos ritos religiosos e da organização política do Império. Tendo em vista atender a esse quadro, o *calmecac* constituiu-se numa escola superior, a cargo dos sacerdotes, objetivando complementar a educação recebida no *telpochcalli*, e a formar para os altos cargos administrativos (Beltrán, 1992).

Em razão disso, nessas escolas materializava-se a aliança celebrada entre o clero e a nobreza, com os sacerdotes repassando seus conhecimentos e vislumbrando a possibilidade de engrossar suas fileiras com parte desses jovens. Muitos dos *pipiltin*<sup>15</sup> eram cooptados de imediato para seguir a vida religiosa (Lucena, 1992).

A vida no *calmecac* era austera, com vistas à preparação para o sacerdócio, ou para os altos cargos do estado, motivo de constar no currículo o estudo da astrologia, dos mitos, dos livros sagrados, do calendário adivinhatório, da história, da hermenêutica, da interpretação, da oratória, da retórica e da escrita. Acrescente-se o exercício de uma língua culta, diferente da usada pelo povo. Daí a atenção especial que se dava ao domínio do verbo. Os alunos que não falassem e saudassem adequadamente eram picados com espinhos de *maguey*, pois um dos objetivos dessa escola era transformá-los em falantes e bons intérpretes.

Essa preocupação com a fala pode ser explicada, na tradição asteca, quando da escolha dos altos dignatários reais, para o que constava principalmente, como item, as qualidades oratórias do pretendente. Os imperadores sempre tinham em sua companhia oradores experientes e hábeis, para falarem e responderem aos questionamentos, quando necessário.

---

<sup>14</sup> Linhagem.

<sup>15</sup> Filhos dos grandes senhores da hierarquia asteca.

A associação entre o poder e o domínio da língua cristalizava-se no próprio chefe de estado, chamado de *tlantoani*<sup>16</sup>.

De caráter ritual, a fala privilegiada pelos astecas, regularmente, em suas formas e em suas funções, era memorizada, e, por seu turno, sempre citada (Todorov, 1991). A sua forma mais expressiva era o *huechuehtlahtolli*, elegantes discursos, que tratavam dos mais variados temas: do poder, do círculo doméstico, da educação, dos deuses, das cerimônias na corte, ritos de passagens (nascimentos, puberdade, casamento, morte), partidas e encontros, entre outros. Elaborados numa linguagem cuidadosa, eram tidos como legados de tempos imemoráveis, o que explica o arcaísmo lingüístico. O processo de transmissão desses discursos, bem como velar para que fossem reproduzidos com exatidão, estava a cargo do *tlaplizcatzin*<sup>17</sup> (Gruzinsk, 1993). O seu papel era correspondente de toda palavra numa sociedade sem escrita, o que cristalizava a memória social, ou seja, o conjunto de leis, normas e os valores que eram repassados de geração a geração. Desse modo, garantiam a identidade da coletividade.

A prática do jejum e o trabalho árduo eram constantes nessa escola. A disciplina, essencialmente rígida, incluía constantes auto - flagelos: sangramento do nódulo das orelhas, ou picadas nas coxas com espinhos de *maguey*. Os jovens levantavam quatro vezes por noite para oferecer *copal*<sup>18</sup> aos deuses.

Por volta dos vinte anos, davam-se por concluídos os estudos no *calmecac*, época em que se optava pelo sacerdócio, e, por extensão, pelo celibato; ou pelo matrimônio e o serviço de Estado (Lucena, 1992).

As diferenças existentes entre *telpochcalli* e *calmecac* oportunizaram uma forte rivalidade entre seus alunos. Uma vez por ano, no mês *atlmotli*<sup>19</sup>, esses jovens entravam em confronto, na chamada *novatada*, que consistia na invasão e no saque dos mobiliários das respectivas escolas (Soustelle, 1992).

---

<sup>16</sup> Imperador – orador, sábio, aquele que possui a palavra.

<sup>17</sup> Sacerdote.

<sup>18</sup> Resina que produzia um odor agradável e que era utilizada como incenso nos braseiros dos templos.

<sup>19</sup> Décimo sexto mês do calendário asteca.

### 3. A educação feminina

Tendo em vista que a missão da mulher era estar em casa, atendendo ao marido e aos filhos, cabia às mães ensinar a suas filhas o que era necessário para que se tornassem mulheres e mães exemplares. Apesar do carinho com que eram educadas, a disciplina era severa e o comportamento faltoso tinha como punição as orelhas ultrapassadas com grossas farpas de madeira para que ouvissem o que lhes foi ensinado. O afastamento dos afazeres antes do período estabelecido para a recreação e/ou descanso levava a ter os pés atados, para evitar uma nova ocorrência. A preocupação com a higiene pessoal era uma constante, e, para criar o hábito de limpeza, a jovem tomava de dois a três banhos ao dia.

O comportamento recatado, exigido da mulher, determinava que não olhassem e nem falassem com os homens, a desobediência podia trazer sérias conseqüências, inclusive a morte.

Um relato nativo, referente ao rei Nezahualpilli<sup>20</sup>, de Texcoco, diz que um jovem, filho de um grande dignatário, desejando falar com uma das filhas do rei, saltou os muros do palácio. Sendo avisado de que seu feito tinha sido descoberto, o rapaz fugiu, salvando a sua vida; entretanto, a jovem princesa, apesar do amor que lhe dedicava o pai e dos muitos pedidos em seu favor, teve como punição a morte por afogamento. Para o pai, rei, não punir essa falta seria pôr em risco a ordem posta, legada pelos antepassados.

Os castigos eram constantemente lembrados pelas mães e/ou amas de leite, para que as jovens memorizassem e não cometessem o mesmo erro. (Las Casas, 1958)

As filhas dos reis e dos grandes senhores eram criadas com grande solicitude e disciplina, por suas mães e/ou amas, que lhes ensinavam falar e andar corretamente, assim como terem uma postura de recolhimento. Muitas dessas jovens nunca saíam de suas casas; caso saíssem, era para cumprir as suas obrigações religiosas, ou quando da festa do padroeiro, ou, ainda, por motivo de uma festa geral. O recatamento com que eram criadas não permitia que levantassem os olhos do chão; caso contrário, isto era lembrado por suas acompanhantes como mal comportamento. Também não podiam falar em público, mas apenas nos templos, no momento das orações.

---

<sup>20</sup> Reinou de 1472 a 1516, destacando-se pela sua sabedoria.

Nos palácios e nas casas dos nobres, os aposentos das mulheres eram separados dos dos homens e não era permitido a esses o acesso às dependências femininas. Mesmo assim, as jovens não podiam deixar seus quartos sem uma acompanhante. O desrespeito à ordem acarretava punições severas, como picadas nos pés com farpas de madeira ou espinho de maguey. Mesmo quando acompanhadas, não podiam levantar os olhos ou olhar para trás, caso contrário, teriam os corpos torturados com folha de urtiga ou beliscões.

Muitas das jovens oriundas da nobreza também recebiam uma educação paralela nas escolas dos templos, destinadas às mulheres. As mestras, uma espécie de sacerdotisas, velavam para que suas alunas se preparassem para a vida, segundo os preceitos ditados pela tradição. Nos currículos constavam: religião, urbanidade, música, dança, tecelagem e atividades domésticas, regadas a uma disciplina severa. Dentre as obrigações destacava-se levantar duas vezes por noite para limpar o templo e orar. A jovem permanecia nessas escolas até o casamento (Lucena, 1992), momento que iniciava a sua missão de mulher na comunidade.

Tanto para as jovens do povo, quando para as nobres, a formação recebida em casa ou nas escolas constituía o modelo ideal de mulher e de dona-de-casa que se pretendia formar: era o que os pais e a comunidade esperavam das suas mulheres. Entretanto, havia exceções, com mulheres desenvolvendo atividades domésticas em casas de nobres e nos templos, vendendo nos mercados, cuidando dos banhos, sendo médicas, parteiras e até mesmo prostitutas (Rojas, 1992). Esse quadro, que quebrava a tradição asteca, era motivo de preocupação por parte das famílias, conforme se pode constatar em um dos itens da exortação que as mães faziam às suas filhas, ao casarem:

*Ten, hija mía, aviso de no ser defectuosa, ni mal criada; mas mira que de tal manera vivas que seas ejemplo a las mujeres otras. Considera que eres mujer de señor y que no vas a trabajar a otra parte, sino allí como a casa de los dioses. (Las Casas, 1958:292)*

Nesse sentido, cabia aos pais, em especial às mães, velarem para que as suas filhas cumprissem os ensinamentos dos antepassados, assumindo o papel que lhes fora reservado, pois, só assim, a ordem seria mantida e a sociedade seguiria o seu ritmo normal.

## Considerações finais

No momento que voltamos a interrogar a respeito das origens da expansão mundial, e a questão da globalização, recoloca na ordem do dia temas como aproximações e convivências de ordem econômica e cultural, exigindo um repensar de valores e modos de vida, o que por extensão trouxe a necessidade de se intensificar as relações entre os países latino-americanos, tendo em vista a elaboração de um perfil continental que gravite em torno de objetivos em torno de objetivos comuns. Nesse sentido, o estudo da experiência educacional desenvolvida pelos astecas se converte em peça significativa, na medida que pode trazer à luz elementos que subsidiem uma reflexão a cerca da educação americana na atualidade. Esta possibilidade ganha importância quando se tem em conta os claros objetivos da educação asteca, que pontuavam com objetividade o homem que queria formar mesmo que os métodos utilizados agridam a nossa forma de conceber a educação hoje. O mesmo não pode ser dito da realidade educacional da América-Latina, que após quinhentos anos, continua tateando nos descaminhos das propostas pedagógicas, sem chegar ao ideal de formação do genuíno homem latino-americano.

Essas características educacionais astecas, pouco conhecida dos historiadores da educação, podem ser entendidas na sua organização social que foi profundamente marcada pela dualidade: de um lado, guerreiros; do outro, sacerdotes, quadro que não chegou a afetar a dinâmica da civilização do planalto Anahuac. Produto dessas relações sociais, a educação expressou essa realidade através do *telpochcalli* e do *calmecac*, sacralizada nos patronatos de *Tezcatlipoca* e *Quatzalcóatl*, que incorporavam duas concepções de mundo, de vida e de homem. O ideal guerreiro do *telpochcalli*, e o do sacerdotal do *calmecac* desempenharam seus papéis, ao contribuírem para criar e recriar as condições materiais e espirituais de existência na sociedade asteca, assegurando a sua reprodução, visto o caráter econômico das guerras, geradoras de tributos, e o papel assumido pela religião no mecanismo de dominação.

Assim, mediante necessidades diferenciadas, o sistema educacional tomou para si diferentes formas e propostas de ensino, para criar determinado tipo de homem, capaz de responder simultaneamente às necessidades produtivas da sociedade e às exigências da estrutura de dominação, até que destruído pelo processo colonizador.

## **Bibliografía**

BELTRÁN, Gonzales Aguirre. *Teoria y práctica de la educación indígena*. México, Fondo de Cultura económica, 1992.

DÍAS DEL CASTILLO, Bernal. “Verdadera Historia de los sucesos de la Conquista de la Nueva España”. *Historiadores Primitivos de Indias*. T.2, Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1947.

LAS CASAS, Bartolomé “Apologetica História”. *Historiadores Primitivos de Indias*. T. IV, Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1958.

LAS CASAS, Bartolomé: *Historia de las Indias*. México. Fondo de Cultura Económica, vol. 3, 1951.

LOPEZ DE GÓMORA, Francisco. “Historia Geral de las Indias”. *Historiadores Primitivos de Indias*. T.1, Madrid, Biblioteca de Autores Españoles, 1946.

LUCENA, Manuel. *Asi vivan los aztecas*. Madrid, Anaya, 1992.

PEREGALLI, Enrique. *A América que os europeus encontraram*. Campinas, Atual, 1990.

ROJAS, José Luis. “Los aztecas”. *Historia de Iberoamerica*. T.I, Madrid, Catedral, 1992.

SAHAGÚN, Bernardino de. *História general de las cosas de Nueva España*. México, Editorial Pedro Robredo, 1938.

SOUSTELLE, Jacques. *El universo de los aztecas*. México, Fondo de cultura económica, 1992.

TODOROV, Tevetan. *A Conquista da América*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.